DA "*GODDESS RELIGION*" AO "*DIVINE FEMININE*": O FLORESCIMENTO DA ESPIRITUALIDADE FEMININA A PARTIR DA CONTRACULTURA NORTE-AMERICANA

FROM THE "*GODDESS RELIGION*" TO THE "*DIVINE FEMININE*": THE BLOOMING OF FEMININE SPIRITUALITY FROM THE NORTH AMERICAN COUNTERCULTURE

RESUMO

Este artigo busca investigar a transformação histórica da "*Goddess Religion*" em direção ao "*Divine Feminine*" ao acompanhar a metamorfose da espiritualidade feminina a partir da segunda metade do século XX. Para construir essa trajetória histórica a partir da pesquisa bibliográfica, foi essencial compreender a gênese da *Goddess Religion* no contexto da contracultura dos anos 1960 e identificar seus fundamentos e críticas ao longo das décadas seguintes. Nesta empreitada, foram apresentadas influências de movimentos sociais, filosóficos e espirituais, como o Romantismo (Marques, 2023; Capellari, 2007), o fenômeno da "orientalização do Ocidente" (Campbell, 1997), o neopaganismo (Valle, 2020), e a Nova Era (Sousa, 2022), além de elementos ligados às pautas feministas da mesma época (Barros, 2017). O estudo também dialoga com diferentes perspectivas teóricas sobre a *Goddess Religion* a partir de Stone (2022) e Ruether (2005), ampliando os debates sobre esta temática, além de identificar como esta vertente religiosa preparou o terreno para o *Divine Feminine*, cuja caracterização foi explorada também por meio de fontes digitais que permitiram uma maior compreensão de seu contexto e significados. Esta jornada busca expandir o conhecimento acadêmico sobre o tema, além de oferecer subsídios para debates sobre movimentos contemporâneos ligados a gênero e espiritualidade.

Palavras-chave: Religião da Deusa. Sagrado Feminino. Espiritualidade feminina.

ABSTRACT

This article seeks to investigate the historical transformation of the "Goddess Religion" towards the "Divine Feminine" by following the metamorphosis of feminine spirituality from the mid-20th century onwards. The research, of a bibliographic nature, is based on academic productions and digital texts. To construct this historical trajectory, it was essential to understand the genesis of the Goddess Religion in the context of the North American counterculture of the 1960s and to identify its foundations and criticisms over the following decades. In this endeavor, influences of social, philosophical and spiritual movements were presented, such as Romanticism (Marques, 2023;

Lídia Noronha Pereira
Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG, Campus Varginha. Doutora. E-mail: lidia.pereira@unifal-mg.edu.br
Alícia Madrid Cesar Rezende
Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG, Campus Varginha. Mestranda. E-mail: alicia.rezende@sou.unifal-mg.edu.br

Capellari, 2007), the phenomenon of the "orientalization of the West" (Campbell, 1997), neopaganism (Valle, 2020), and the New Age (Sousa, 2022), in addition to elements linked to the feminist claims of that period (Barros, 2017). The study also engages with different theoretical perspectives on Goddess Religion from Stone (2022) and Ruether (2005), expanding the debates on this topic, in addition to identifying how this religious strand paved the way for the Divine Feminine, whose characterization was also explored through digital sources that allowed a greater understanding of its context and meanings. This journey aims to expand academic knowledge on the topic, in addition to offering subsidies for debates on contemporary movements linked to gender and spirituality.

Keywords: Goddess Religion. Divine Feminine. Feminine spirituality.

Introdução

Em 2021, o livro "Mulheres que correm com os lobos", escrito na década de 60 e que propõe essencialmente um resgate da "mulher selvagem" através da análise de histórias arquetípicas pertencentes a comunidades ancestrais, foi a obra de não-ficção mais vendida no Brasil. Em 2022, a editora Goya lançou uma nova edição da obra "Quando Deus era mulher", publicada em 1976 por Merlin Stone: um livro que discute o entrelaçamento entre magia, mulheres e religiões, e que foi descrito pelo site da Amazon (s.d.) como: "um dos principais textos do feminismo teológico dos anos 1970 e 1980".

Observando esses fatos, pode-se pensar que tais acontecimentos sejam indícios de uma nova onda de popularização das espiritualidades femininas, ou seja, de expressões religiosas sustentadas por narrativas divergentes principalmente das religiões judaico-cristãs no sentido de atribuírem às mulheres e divindades femininas um papel central dentro de suas crenças e práticas. Percebe-se que expressões religiosas como essas têm aparecido nos últimos anos, de forma consistente, porém heterogênea na grande mídia, nos nichos de mercado, nos discursos fomentados por livros como os supracitados e em eventos[1] promovidos ao redor do mundo. Este conjunto de fatores dá contornos a um universo translúcido e multifacetado, atravessado pela história das religiões e pelas opressões sofridas pelas mulheres ao longo dos séculos.

De modo geral, as espiritualidades femininas praticadas nas últimas décadas buscaram resgatar saberes soterrados pelos golpes desferidos pelo patriarcado e suas instituições religiosas (Stone, 2022). Esta retomada se estruturou como a "*Goddess Religion*" a partir dos anos de 1960, a qual foi popularizada juntamente com os movimentos de contracultura que cresciam fortemente no contexto de reestruturação social pós Segunda Guerra e da luta pelos direitos civis no território norte-americano. Contudo, afetada pela mudança do espírito do tempo, a *Goddess Religion* se retrai no final do século XX para então ressurgir de forma repaginada na contemporaneidade

1 Aqui me refiro a uma grande variedade de eventos, como aqueles relacionados aos círculos de mulheres, terapias holísticas, retiros espirituais/ meditativos, rituais xamânicos, entre outros.

como o "*Divine Feminine*": uma versão atualizada e atravessada pelos desenvolvimentos tecnológicos e pela atual conjuntura do sistema capitalista.

Tal cenário nos proporciona diversos questionamentos, e dentre eles, uma indagação sobre as minúcias de como se deu a transformação histórica da *Goddess Religion* em direção ao *Divine Feminine*. Assim, na tentativa de elucidar acontecimentos e ampliar perspectivas, neste artigo buscou-se investigar o processo de metamorfose da espiritualidade feminina a partir dos anos de 1960 através de um estudo bibliográfico localizado em produções acadêmicas e textos advindos do universo digital - território sobre o qual narrativas sobre o *Divine Feminine* tem se propagado. Para construir o fio condutor desta jornada histórica, foi relevante compreender a gênese da *Goddess Religion* no contexto da contracultura dos anos 60, assim como identificar os principais fundamentos e críticas à *Goddess Religion* em seu processo de desenvolvimento nas décadas posteriores. Esse percurso nos permitiu averiguar como ocorreu a emergência do *Divine Feminine* e caracterizá-lo de forma exploratória.

Para tanto, a primeira seção buscou discutir de que forma a *Goddess Religion* teve raízes espalhadas por outros movimentos de caráter contracultural que se popularizaram a partir dos EUA na segunda metade do século XX, os quais se basearam em ideias difundidas desde o início da consolidação do modo de produção capitalista. Neste sentido, foram mobilizados conceitos de Alonso (2009), para quem os movimentos sociais a partir dos anos 60 apresentam um descolamento das pautas operárias que marcaram o pensamento revolucionário do século anterior e da atuação política de forma tradicional - se modificando em benefício de uma postura mais individualista e baseada no conceito de bem-viver.

Ainda na primeira seção, são apresentadas considerações a respeito de determinados movimentos sociais/ espirituais com os quais a *Goddess Religion* se relaciona de maneira mais ou menos direta. Algumas influências relevantes foram o Romantismo (Marques, 2023; Capellari, 2007), o fenômeno da "orientalização do Ocidente" (Campbell, 1997), o neopaganismo (Valle, 2020), e a Nova Era (Sousa, 2022), além de elementos ligados aos feminismos dos anos de 1960 (Barros, 2017).

Ao longo da segunda seção, pôde-se aprofundar na temática da *Goddess Religion*, para a qual o trabalho de Stone (2022) representou uma contribuição de grande importância e o trabalho de Ruether (2005) apresentou questionamentos que puderam auxiliar na ampliação dos debates acerca deste tema, assim como propor diferentes perspectivas ao dialogar com o pensamento de teólogas como Miriam Simos e Carol Christ.

Observou-se, assim, que a *Goddess Religion* pavimentou o caminho para o que nas próximas décadas seria o "*Divine Feminine*". Isso posto, na terceira seção buscou-se investigar sua caracterização através do trabalho de Van Berge (2023) e de textos publicados em plataformas digitais diversas (e para isso, foram selecionadas três referências para compor esta discussão). Vale ressaltar que o *Divine Feminine* pode ser considerado um correspondente próximo ao movimento do Sagrado Feminino que ocorre no Brasil, o qual possui suas próprias singularidades e complexidades. Contudo,

devido às limitações do artigo e tendo em foco seus objetivos, as discussões sobre o Sagrado Feminino não serão longamente abordadas nesta pesquisa.

A gênese da *Goddess Religion* no contexto da contracultura dos anos 1960

Ao longo desta seção, buscaremos compreender como a *Goddess Religion* se construiu a partir de uma junção de elementos advindos de movimentos sociais e espirituais ligados a diversas áreas como, por exemplo, à religião, aos debates feministas e à política. Deve-se ressaltar que não poderemos esgotar este percurso, visto que cada tema apresenta uma infinidade de ramificações e que os movimentos, como tais, "se movem" pelo tempo e pelo espaço, sendo expressões intrínsecas dos interesses de um povo - estes apresentam atualizações recorrentes e vão se transformando de formas previsíveis ou surpreendentes. No pensamento de Rita Segato (2021), o povo é como um vetor histórico: "cada cultura e seu patrimônio são, por sua vez, percebidos como a destilação de um processo histórico, como sedimento de uma experiência histórica acumulativa que não para" (Segato, 2021, p.97). Logo, a aparente imobilidade é uma ilusão, pois existe uma história se movimentando, "um povo é o projeto de uma história compartilhada" (Segato, 2021, p.98).

Segundo Alonso (2009), as manifestações contraculturais iniciadas anos de 1960 foram compostas por multidões que eram formadas não por operários, mas por grupos de mulheres, estudantes e profissionais liberais principalmente pertencentes à classe média, cujas bandeiras eram "não mais voltadas para as condições de vida, ou para a redistribuição de recursos, mas para a qualidade de vida, e para afirmação da diversidade de estilos de vivê-la" (Alonso, 2009, p.51). Assim, pode-se inferir que estes movimentos se organizaram em torno de demandas simbólicas atravessadas pelo reconhecimento de identidades reivindicadas por grupos da sociedade e não por grandes coletivos.

Considerando o trabalho de Matos (1993), depreende-se que este processo se configurou a partir das articulações prévias de intelectuais como os da Escola de Frankfurt, que buscaram atualizar as ideias marxistas na tentativa de melhor adequá-las a um mundo marcado por novas dinâmicas trabalhistas, e ao mesmo tempo, compreender os fascismos que cresciam pelo território europeu na primeira metade do século XX. Posteriormente, a derrocada das lutas do proletariado e das ambições socialistas minaram as fagulhas revolucionárias de outrora. Ainda assim, no cenário pós segunda guerra, as obras dos autores frankfurtianos tiveram um impacto nos movimentos de contracultura, nos quais outros agentes se propunham a provocar transformações sociais. Dentre os estudiosos em questão, Herbert Marcuse é um exemplo, pois teve uma presença proeminente em protestos estudantis, contra a guerra do Vietnã e no movimento pelos direitos civis nos EUA (Matos, 1993).

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 450-471

Assim, em meio aos movimentos sociais ocorridos a partir dos anos de 1960, o espírito da contracultura se configura como o ponto de partida do qual vários dos demais movimentos se orientariam, cada um preservando determinadas raízes históricas, mas adotando, inicialmente, uma postura avessa a aspectos da cultura dominante. Essas premissas se expressavam em "novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Enfim, um outro universo de significados e valores, com suas regras próprias" (Pereira, 1992, p.5).

Como apontado por Capellari (2007), a contracultura se ancora na geração rebelde dos anos 50, mas tem seus preceitos fundamentais relacionados ao movimento romântico que foi iniciado dois séculos antes como reação ao Iluminismo. Observando esta dinâmica pendular da história, o autor contrapõe uma série de fenômenos:

> Com efeito, as sombras desenhadas pela crescente racionalização da vida na modernidade são proporcionais aos fachos de luz projetados por sua contrapartida, de modo que ao Iluminismo, correspondeu o Romantismo; à tecnocracia, a contracultura; ao cientificismo, o ocultismo; à razão, os instintos; ao médico, o monstro (Capellari, 2007, p.222).

Segundo Pereira (1992), o termo "contracultura" teve origem na imprensa dos EUA para designar um fenômeno que engloba duas interpretações: uma ligada especificamente às manifestações concretas ocorridas nos anos 60 e outra ligada à uma postura individual que é contrária à cultura hegemônica. Neste contexto, o espírito da contracultura se torna atemporal, observado em momentos variados do passado e com potencial de reprodução no presente e no futuro.

O movimento dos direitos civis e o movimento ambientalista foram mobilizações que progrediram lado a lado com os movimentos de contracultura. Contudo, Milani (2018) observa que o caráter pacifista da contracultura foi abalado pelas sucessivas repressões policiais, direcionadas sobretudo ao movimento negro. Os episódios de violência também envolveram as mortes de Malcom X em 1965 e Martin Luther King em 1968, e diversas prisões como a de Angela Davis em 1970.

O hedonismo ou a busca pelo prazer também se tornou um pilar do movimento da contracultura, sendo o corpo uma entidade predominante não só nas lutas por liberdade sexual como por direitos reprodutivos. Apesar disso, Milani (2018) pontua que as mulheres ocupavam um papel coadjuvante na contracultura, onde pautas como o machismo não eram prioridades. Neste contexto, correntes feministas passaram a disputar espaços e a se sobressair, seja com Betty Friedan, Gloria Steinem ou a própria Angela Davis, contestando tanto a opressão das mulheres dentro dos lares da classe média quanto dentro dos movimentos de esquerda: as mulheres revelavam o caráter hipócrita dos homens que se definiam como revolucionários, mas mantinham suas esposas como responsáveis pelo trabalho reprodutivo. Isso significa que a contracultura "ainda apresentava aspectos machistas, misóginos e segregacionistas em relação às mulheres, mesmo àquelas que eram também revolucionárias" (Milani, 2018, p.7).

É neste contexto histórico que a *Goddess Religion*[2] toma forma. Para compreendê-la com maior profundidade, é preciso pontuar que tal manifestação tem um caráter multifacetado e diverso, influenciado por outros movimentos que a antecederam ou que ocorreram simultaneamente. Alguns destes movimentos serão detalhados a seguir.

Originalmente, a espiritualidade feminina promovida a partir dos anos de 1960 esteve atrelada à influência do paganismo em todas as suas facetas, seja ligado às culturas celtas, nórdicas ou xamânicas e às práticas de magia natural. Para sua popularização, contribuíram festivais musicais, eventos e vivências relacionados à Deusa, além de feiras de arte e artesanato. Considera-se também a propagação de terapias baseadas em culturas asiáticas e a difusão de conhecimentos sobre yoga, meditação, tarô, cristais e seres mágicos (Faur, 2011).

Nesse cenário permeado por rupturas e experimentações, houve uma postura de contestação das religiões judaico-cristãs que representavam instrumentos de repressão dos desejos e de introjeção da culpa pelas supostas transgressões humanas. Um dos efeitos deste rompimento foi o direcionamento da espiritualidade para outras culturas e outros momentos históricos, seja com a expansão de fundamentos do hinduísmo ou taoísmo, seja pelo resgate de saberes espirituais vigentes antes da dominação cristã. Como resultado, tanto o neopaganismo quanto a *Goddess Religion* surgem como formas diversas de expressão da espiritualidade e conexão com o divino (Stone, 2022; Campbell, 1997).

As bases desses movimentos aludem, de forma mais remota, aos ideais românticos e sua empreitada contra o "desencantamento do mundo", fenômeno cunhado por Weber (2004) ao descrever a empreitada do pensamento religioso-cientificista para eliminar qualquer forma de prática mágica, considerando-a superstição e/ou sacrilégio. Para melhor elucidar, Marques (2023) pontua que o Romantismo foi um movimento artístico, político e filosófico, surgido em meados do século XVIII e que cujas características se opõem às grandes transformações da época promovidas pela Revolução Industrial e a Revolução Francesa. A autora ressalta que, em contraposição à supremacia da razão, da objetividade e das máquinas, o Romantismo se voltava para as emoções, a subjetividade e a natureza, apresentando um contraponto para as ideias iluministas e valorizando a singularidade em relação ao universalismo racionalista. Nesse passo, o Romantismo enxerga a realidade como uma manifestação de experiências subjetivas, logo, se afasta de leis gerais e verdades absolutas, embora não seja contra a ciência - apenas acrescenta dimensões relativizantes aos métodos científicos. Além disso, o Romantismo defende uma visão de interconexão entre os seres e a natureza, como se todos fossem partes interdependentes de um todo, e não totalidades fragmentadas (Marques, 2023).

Assim, as ideias românticas fundamentariam o que viria a ser a contracultura e uma suas manifestações mais populares: a Nova Era, que surge nessa época e se configura como um movimento espiritual pluricultural e variado, apresentando diversas manifestações que englobam práticas religiosas e esotéricas. A Nova Era está

2 Também é conhecida como "Feminismo da Deusa" ou "Movimento da Deusa", termos que serão retomados mais adiante (no original, "*Goddess Feminism*" e "*Goddess Movement*").

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 450-471

atrelada ao fenômeno descrito com a "orientalização do ocidente" por Campbell, (1997), o qual afirma que, para além da inserção de produtos, práticas e fundamentos religiosos de países "orientais"[3], houve uma mudança de paradigma na cultura ocidental ao incorporar concepções tradicionais não-ocidentais sobre o divino e suas relações com o mundo e a humanidade. A teodiceia oriental, segundo o autor, é menos suscetível a ser contestada pelo pensamento científico quando comparada com as religiões ocidentais, e apresenta um alinhamento com o individualismo do pensamento moderno.

Ainda de acordo com Campbell (1997), a orientalização encontrou um campo fértil no Ocidente, pois este já era habitado por forças afins: correntes espirituais diversas que embora não fossem tão populares quanto a cultura judaico-cristã, ofereciam outras propostas de relação com o divino. Assim, o autor propõe que o processo de orientalização encontrou ressonância em outros movimentos como Neopaganismo, a Nova Era e os movimentos ambientalistas. Os dois primeiros serão discutidos a seguir, mas cabe apontar que os ideais ambientalistas, em sua multiplicidade e profundidade, estão, em alguma medida, presentes nos demais movimentos mencionados.

O ponto em comum entre os movimentos mencionados por Campbell (1997) e a teodiceia oriental seria a crença na imanência do divino e não na transcendência. O autor aponta que nenhuma dessas concepções é nova, mas que o entrelaçamento entre elas a partir dos anos 60 com os movimentos de contracultura constrói uma situação inédita de incorporação e aceitação de crenças antes marginalizadas. Isso significou o deslocamento do divino para a vida cotidiana e para "a profundeza de nosso ser" (Campbell, 1997, p.17) enquanto as religiões transcendentes passaram a ser questionadas. Nesse contexto, Campbell (idem) aponta também o deslocamento da "revolução política" para a "revolução pessoal", uma mudança que, segundo ele, foi influenciada pelo trabalho de Freud e Reich, substituindo as ideias de Marx.

Indo além, prosseguimos para o Neopaganismo que, assim como os demais movimentos abordados, possui uma complexidade que torna sua definição unificada um desafio, além de se relacionar intimamente com outros termos afins de igual complexidade, como a bruxaria. Valle (2020, p. 69) aponta que, devido à quantidade de vertentes e variedade de cultos, "não é possível proceder a descrição de uma única identidade religiosa para a bruxaria, de forma que a mesma pode se mostrar bastante individualista, principalmente devido à ausência de uma autoridade central". Ainda assim, a autora identifica algumas características comuns das manifestações neopagãs: a profunda relação com a natureza e sua sacralidade, a postura de contraposição às opressões do cristianismo (em especial da Igreja Católica) e a conexão com a "Antiga Religião" que venerava a terra e sua fertilidade, além do resgate de expressões divinas ligadas ao feminino.

3 Antes de nos debruçarmos sobre o fenômeno descrito por Campbell (1997) denominado "Orientalização do Ocidente", faz-se necessário pontuar que "a relação entre Ocidente e Oriente é uma relação de poder, de dominação de graus variados de uma complexa hegemonia" (Said, 1990, p. 17). Logo, este fenômeno não deixa de estar atrelado à colonialidade do poder e ao orientalismo, profundamente estudado por Said. Essas interações resultariam na invenção do Oriente através de imagens estereotipadas, reducionistas e generalistas sobre uma infinidade de culturas, cujas particularidades são ignoradas e propagadas como exóticas.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 450-471

O Neopaganismo propõe um resgate do passado pré-cristão, considerando a religião cristã "patriarcal, exploradora e antinatural" (Marques, 2023, p.20), e seriam nas religiões pagãs onde se encontraria a valorização das divindades femininas. Assim sendo, o Neopaganismo busca retomar práticas e crenças existentes em um passado pré-cristão que foram condenadas e perseguidas principalmente durante a expansão do catolicismo. Tais religiosidades antigas englobam inicialmente culturas oriundas dos Oriente Próximo, Grécia e Roma, por exemplo (Valle, 2020). Como contraposição, Campbell (1997, p.14) aponta que o Neopaganismo "retira sua inspiração das culturas dos povos nativos, indígenas da Europa e da América do Norte que floresceram antes do surgimento da cristianização" (p.14) e se apresenta como um resgate das tradições religiosas que foram destruídas pelo próprio ocidente. Contudo, este autor vê essa volta ao passado com desconfiança, pois dúvida que parte das narrativas construídas seja verídica já que, segundo ele, não há informações suficientemente concretas. Desta forma, pode-se construir uma narrativa de passado que contempla uma infinidade de crenças e práticas baseadas em projeções dos próprios indivíduos, e não em uma realidade solidamente fidedigna.

Assim, pode-se compreender o Neopaganismo como um fenômeno religioso que se popularizou principalmente na Europa, juntamente com os movimentos contraculturais dos anos 60, alcançando em especial, o território norte-americano. Contudo, como os demais movimentos abordados, ele está ligado ao movimento Romântico e sua contraposição ao Iluminismo, os quais remontam ao século XIX. Nessa perspectiva, segundo Valle (2020, p.73), "a crença na bruxaria surge como alternativa para sanar a busca pelo retorno das emoções e preocupações humanas, ou a retomada do sentimento religioso e da magia, esquecidos em decorrência do racionalismo exacerbado que se desenvolvera".

Na contemporaneidade, o neopaganismo se conecta com o movimento da Nova Era, se ramificando em diversas correntes e expandindo o alcance da Wicca e a Bruxaria Moderna. Neste contexto, Valle (2020) menciona duas líderes Wiccanas de grande relevância: a húngara Zusanna Budapest (ligada à "Bruxaria Diânica") e Miriam Simos, conhecida como "Starhawk". Ambas promoveram aproximações entre a Wicca e as pautas feministas.

Valle (2020) defende que, por sua natureza contestatória, os movimentos ligados ao Neopaganismo precisam estar alinhados com as lutas ambientalistas e por justiça social. A integração do sagrado imanente move o Neopaganismo na direção de uma transformação do presente, da realidade que se apresenta no agora, e não na promessa de um futuro ideal ou de um reino celeste eterno e transcendente. Tal questão é fundamental para que se observe os desdobramentos da espiritualidade feminina nas décadas seguintes e seu movimento de proximidade ou afastamento de reivindicações de natureza política.

Como mencionado, outro movimento que se conecta ao Neopaganismo é a Nova Era. Sousa (2022) descreve um dos princípios da Nova Era (ou *New Age*) como o reconhecimento do mundo exterior aliado ao desenvolvimento do potencial humano. Nas manifestações deste movimento não existem templos ou rituais formais, mas sim

uma valorização do bem-estar, da liberdade e da autonomia dos indivíduos. Segundo a autora (2022, p.59), "o *New Age* não é visto como uma religião, mas como expressão de espiritualidade".

A Nova Era traz a perspectiva de construção de uma religiosidade individual, na qual é possível que seus adeptos se utilizem de elementos pertencentes a diversas religiões para nortearem suas crenças e práticas, criando assim combinações variadas e particulares. Nessa perspectiva, Sousa (2022) resgata o conceito de "bricolage religioso", termo criado por Thomas Luckmann para descrever essa diversidade de representações religiosas que incorpora ingredientes diferentes à vida espiritual e transita por variadas igrejas, cultos e centros, reunindo imagens de santos, orixás, deuses antigos sem qualquer sentimento de culpa ou pecado. A construção de um sentido religioso individual se sobrepõe a uma fidelidade religiosa, e este comportamento corresponderia às características do mundo ocidental atual "onde a cultura é diversificada, podendo ser composta com outros valores em infinitas possibilidades" (Sousa, 2022, p.59). A Nova Era se configura assim, como um movimento "de caráter difuso e informal" (Sousa, 2022, p.55).

Adicionalmente, Sousa (idem), se referindo a estudos feitos nos EUA por König (2000) e Crowley (2011), afirma que o movimento da Nova Era tem uma relevante participação das mulheres, em especial, mulheres brancas de classe média. Tal recorte social pode se relacionar ao fato de que, segundo Pereira (1992), a contracultura teve, inicialmente, ampla adesão das camadas médias de uma sociedade urbana na qual a discriminação racial era parte das práticas do Estado.

Além disso, um dos atrativos da Nova Era é sua desvinculação das religiões judaico-cristãs, permitindo que as mulheres possam ocupar posições de líderes espirituais, mas a autora também coloca em questão a natureza relacional das espiritualidades da Nova Era e sua fundamentação no caráter subjetivo dos indivíduos. Isso implica que as bases da Nova Era tenham uma afinidade com as construções sociais tradicionais do feminino, como seu aspecto emotivo, intuitivo e sensível. Sendo assim, esse ponto oferece um aspecto contraditório em relação à adesão das mulheres à Nova Era: dentro deste movimento elas poderiam alcançar posições de autoridade e reverência, mas em concomitância, também poderiam contribuir de certa forma para a perpetuação de estereótipos de gênero.

Ainda em relação às questões de gênero, os feminismos que afloraram a partir da segunda metade do século XX também trazem sua contribuição para a ascensão da espiritualidade feminina. Eles se ancoraram em pautas relacionadas à desconstrução de papéis sociais e autonomia sobre o corpo, pressionando a reformulação de leis ligadas ao trabalho, à sexualidade e aos direitos reprodutivos, e o amparo social e material de mães solo (Faur, 2011, p.30). Neste contexto, Araújo & Monastérios (2011) abordam os questionamentos em relação à limitação feminina ao espaço doméstico através da obra de Betty Friedan (autora de "Mística Feminina"), na qual a autora contesta a naturalização das tarefas de cuidado atribuídas às mulheres e a premissa que haveria diferenças biológicas entre mulheres e homens que definiriam a execução de papéis sociais.

No contexto dos anos de 1960, diversas mulheres que haviam ocupado postos de trabalho durante a 2ª Guerra Mundial foram encorajadas a se afastar do trabalho produtivo e se dedicar novamente ao trabalho reprodutivo. Outras, mesmo permanecendo no mercado de trabalho, eram inferiorizadas e sofriam com a disparidade salarial. Além disso, grupos atravessados por marcações sociais de classe e raça, viviam em condições ainda mais precárias (Araújo & Monastérios, 2011; Davis, 2016). Também, dentro das pautas feministas, a autonomia sobre o próprio corpo oferecia uma série de disrupções. Este tema foi fortalecido pela aprovação da pílula anticoncepcional em junho de 1960.

Assim, observa-se que a valorização da individualidade, uma das bases do movimento de contracultura, também se fez presente nos movimentos feministas, nos quais mulheres buscavam se desvencilhar de rotulações como esposa e mãe e ao mesmo tempo se enxergavam como sujeitas a outras formas de opressão.

> A necessidade de se combater todas as formas de poder e opressão advindas da sociedade patriarcal estabeleceu a interseção com o movimento feminista. Podemos afirmar que o feminismo foi e é uma contracultura em seu discurso intelectual, filosófico e político na busca da equidade de gênero (Barros, 2017, p.103)

Conclui-se, assim, que o florescimento da espiritualidade feminina a partir dos anos de 1960 teve como sustentação diversas raízes que, assim como de uma grande árvore, se entrelaçam, se sobrepõem e se ramificam. Embora delimitar com precisão todos estes movimentos sociais, filosóficos e espirituais não seja possível, pode-se afirmar que a *Goddess Religion* teve como terreno de cultivo uma postura de resgate de sabores ancestrais e de conexão com a natureza, com a influência de culturas não-hegemônicas e a busca pela centralidade feminina nas crenças e práticas espirituais. Seguindo adiante, no próximo tópico alguns desdobramentos e controvérsias sobre a *Goddess Religion* serão discutidos com mais profundidade.

Principais fundamentos e críticas à *Goddess Religion* em seus desdobramentos posteriores

Reunindo elementos deste grande caldeirão de fenômenos históricos, a "*Goddess Religion*" ou a "Religião da Deusa" (re)nasceu no século XX na cultura ocidental depois de milênios de um ocultamento perpetuado por doutrinas espirituais que defendem a autoridade masculina e a supremacia patriarcal. Esta expressão religiosa não chegou a desaparecer totalmente ao longo dos séculos: permaneceu viva na cultura popular, nas lendas, mitos e histórias contadas, mas, a partir dos anos 60, pôde-se observar uma retomada dos conhecimentos de culturas matricêntricas e a reconexão com a Grande Mãe. Segundo Faur (2011), a espiritualidade feminina oferece para as mulheres criadas

em tradições religiosas masculinas uma forma de libertação e expressividade apoiadas em narrativas sobre culturas matriarcais e sobre o culto às divindades femininas.

Como visto anteriormente, os movimentos de contracultura e dos direitos civis dos anos 60 trouxeram a ampliação da crítica feminista às sociedades patriarcais. Neste contexto, de forma breve, a *Goddess Religion* teria sua origem no início dos anos 70, com o resgate de publicações arqueológicas do século XIX e início do XX que propunham a teoria de que teria havido um matriarcado original. Assim, surgiram os círculos contemporâneos de culto à Deusa, considerada a divindade original da humanidade, e os valores ligados à ela seriam "paz, harmonia com a natureza, igualdade e amor por todos", em contraposição à imagem do Deus patriarcal judaico-cristão que promovia "a dominação masculina, a violência agressiva, a subjugação das mulheres e a exploração da terra" (Ruether, 2005, p.274).

A partir deste contexto, nos voltaremos para as discussões que envolvem a *Goddess Religion* a partir de algumas de suas representantes mais populares e de suas críticas. Para isso, teremos com base o livro *"Goddesses and the divine feminine: a Western religious history"* (2005) da teóloga Rosemary Radford Ruether, que embora tenha uma postura parcialmente discordante de autoras como Carol Christ, Z. Budapest e Starhawk - guardiãs da *Goddess Religion* -, traz contribuições importantes para uma compreensão mais aprofundada desse tema.

Rosemary Radford Ruether (1936-2022) é considerada uma das mães fundadoras da chamada "teologia feminista" e teve uma longa carreira desafiando e questionando dogmas principalmente dentro da igreja católica, mas, apesar de seus posicionamentos, ela nunca deixou de se considerar cristã. Como teóloga feminista, ela aponta alguns pontos controversos em relação a *Goddess Religion* que serão abordados a seguir.

As convicções sobre as civilizações ancestrais e seu caráter matriarcal tem ângulos diferentes dentro dos movimentos feministas. Neste contexto, Ruether (2005) buscou refletir sobre como existem narrativas diversas sobre o passado e sobre a possibilidade de nenhuma delas realmente corresponder à realidade da época em questão. A autora acredita que a *Goddess Religion* se apropriou de informações publicadas e de descobertas reveladas a respeito de sociedades ancestrais para construir uma narrativa em alguma medida acrítica sobre como um matriarcado universal foi destruído pelo patriarcado.

É importante ressaltar que o matriarcado criticado por esta teóloga se refere a uma visão na qual haveria uma estrutura de poder inversa ao patriarcado, ou seja, como se as mulheres de certa forma instituíssem uma "opressão feminina". Além disso, as críticas de Ruether se direcionam ao trabalho de feministas americanas e europeias, logo, pode-se ponderar que tais pontos de vista revelam uma construção de gênero cristalizada nas realidades das sociedades do Norte Global e podem apresentar divergências de teses propostas por autoras como Oyeronke Oyewumi (2021) ou Rita Segato (2021), por exemplo.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 450-471

Por sua postura, Ruether (2005) foi criticada por teálogas[4], como Carol Christ, que aderiram profundamente à *Goddess Religion*. Por isso, seu livro traz um propósito explicativo sobre seu posicionamento e ao mesmo tempo visa chamar a atenção para a forma simplista e essencialista que a tese do matriarcado e para a forma que as definições de feminino e masculino têm sido abordadas por determinadas vertentes da espiritualidade feminina. Ruether (2005) acredita que as interpretações das tradições ancestrais são ambivalentes e que não se pode acessar completamente seu significado original. Por outro lado, ela reconhece que todas as fontes religiosas, da cultura judaica à celta, são historicamente controversas, embora também sejam potentes.

Apesar de sua atitude contestatória, a autora defende que o feminismo da Deusa e o Cristão, assim como outros movimentos religiosos e ativistas (como o operário e ambiental), precisam compreender o que têm em comum para formar uma frente de resistência global. O caminho, para a teóloga, reside na construção de um novo paradigma, que não existiu em nenhum momento do passado, na criação de uma nova forma de nos relacionarmos entre nós e com a Terra.

Para Ruether (2005), as narrativas que foram construídas sobre as divindades femininas e seus símbolos ainda são produtos de uma visão masculina. Ela afirma que estamos diante de uma "história complexa sobre como os homens criaram as deusas para seus próprios interesses e como, apesar disso, algumas mulheres reivindicam essas deusas para si mesmas de formas criativas" (Ruether, 2005, p.9).

Prosseguindo sua argumentação, a teóloga propõe que as duas principais obras que influenciaram a *Goddess Religion* foram "*The First Sex*[5]" (1971), de Elizabeth Gould Davis e "*When God Was a Woman*" (originalmente publicado em 1976), de Merlin Stone. Ruether (2005) reconhece que a visão de Stone é equilibrada e que a sociedade que ela descreve possuía um caráter mais igualitário do que de uma dominação matriarcal idealizada. Além disso, a pesquisadora acredita que Stone apresenta a transição do matriarcado para o patriarcado de uma forma menos dramática do que outras autoras, embora questione sua proposição de que os indo-europeus e os Hebreus foram os primeiros a erodir a veneração da Deusa.

Mais adiante em seu livro, Ruether (2005) se debruça sobre o trabalho de Z. Budapest, uma líder wiccana que defende a existência de um matriarcado original e o culto à Deusa como uma religião universal. Segundo Ruether (2005), Budapest veria este período como uma "Era de Ouro", onde a sociedade seria governada pelo amor. Nesta perspectiva, os homens que não se encaixavam nessas comunidades seriam exilados e sua revolta perante este fato teria sido a raiz do sistema patriarcal.

Neste contexto, o Feminismo Wicca emerge como uma forma de espiritualidade que resgata o caráter matricêntrico original e se revolta contra o patriarcado do mundo atual. Há a concepção da inerência destrutiva das religiões patriarcais, em contraposição à *Goddess Religion*, que representaria a imanência pluralista da vida, de acordo com a teologia de Budapest. O Feminismo Wicca teria então o objetivo de,

4 "Thealogians" na obra original - algumas pesquisadoras da *Goddess Religion* adotam o termo "teáloga" ao invés de "teóloga" para ressaltar sua proximidade com as divindades femininas.

5 Esta obra se afasta muito dos objetivos da pesquisa aqui desenvolvida, logo não será abordada

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 450-471

além de restaurar a espiritualidade feminina, reintegrar o aspecto masculino dentro dela, assim, em tese, homens que aceitam esse processo e reconhecem suas posições poderiam participar da Wicca. Apesar disso, segundo Ruether (2005), Budapest teria adotado uma prática separatista nos *covens*[6] (chamada de Wicca Diânica), compreendendo a exclusão masculina como uma etapa necessária do processo de transição.

Umas das grandes discípulas de Z. Budapest é Miriam Simos, conhecida, como já mencionado, por "Starhawk". Seu trabalho se concentra no resgate do xamanismo das Ilhas Britânicas, mas ela reconhece que as tradições xamânicas são plurais e permanecem intensamente vivas em culturas diversas, principalmente as não-brancas. Starhawk enxerga a imanência da vida e as estruturas duais de dominação como presentes em diversas religiões e culturas. Ela também defende que, embora as transformações individuais e em pequena escala sejam importantes, a espiritualidade feminista deve buscar também mudar as estruturas e os sistemas de dominação e opressão (Ruether, 2005).

Starhawk acredita que antes da transição do Paleolítico para o Neolítico, havia uma cultura matricentrada e que de formas mais ou menos preservadas, seus vestígios perduraram nas expressões do xamanismo presentes em cada cultura. Para ela, o patriarcado teria se consolidado através da dualidade hierárquica, da separação ("*estrangement*"), seja da mente em relação ao corpo, entre homens e mulheres, entre o pensamento e os sentimentos, entre os seres humanos e a natureza. Esta separação se tornaria mais intensa nos séculos XVI e XVII, com a demonização da bruxaria e diversas mudanças de origem econômica e cultural, englobando o massacre de diversos grupos de resistência como os povos indígenas (Ruether, 2005).

Embora tenha tido uma jornada na Wicca através dos ensinamentos de Budapest, Starhawk passou a adotar uma postura mais próxima do ativismo político a partir dos anos 80, sendo parte dos movimentos anti-guerra e ambientalistas e, com o tempo, sua visão de mundo se distanciou de uma ótica dicotômica em relação às religiões. Ruether (2005) acredita que seus trabalhos iniciais tinham uma perspectiva essencialista baseada em conceitos como "energias feminina e masculina", mas posteriormente ela passou a enxergar ambos, mulheres e homens, em sua complexa integralidade como uma grande variedade de energias.

Outra grande representante da *Goddess Religion* cujo posicionamento diverge de Rosemary Ruether é Carol Christ. Seu livro mais referenciado foi intitulado "*Rebirth of the Goddess: Finding Meaning in Feminist Spirituality*" e publicado em 1997. Christ também possui uma jornada transformativa dentro da *Goddess Religion*, atravessando momentos de questionamentos e de aproximação com pautas ativistas.

De acordo com Ruether (2005), as concepções de Christ mudaram ao longo do tempo através de suas experiências pessoais e de seu trabalho com a espiritualidade feminina na Grécia - período no qual a teáloga pôde olhar de forma mais crítica para os cultos à Deusa popularizados nos EUA, reconhecendo que povos europeus

6 Reuniões para a realização de cerimônias e rituais.

dominaram os povos indígenas sem integrar sua cultura, instituindo um Deus que não estava conectado à terra que conquistaram.

Christ também defende a existência de povos matricêntricos ancestrais, mas não vistos como matriarcados opressores, e sim como sociedades mais igualitárias, onde a veneração e a atuação das mulheres na comunidade não era subordinada aos homens. A dominação patriarcal também é vista de forma mais complexa, onde fatores internos e externos dessas sociedades foram determinantes, incluindo as invasões exógenas, o desenvolvimento de armas e da agricultura, as guerras e a escravidão de guerra - elementos que promoveram a dominação de povos de natureza mais pacífica (Ruether, 2005).

Christ enfatiza o espírito de guerra como a questão fundamental para a instituição do patriarcado, sendo a destruição ou a cooptação da Deusa um aspecto essencial neste processo de transição social. Assim, a *Goddess Religion* contemporânea seria uma tentativa de reconexão com essas culturas igualitárias que envolvem mulheres, homens e a natureza. Nesta empreitada, seria preciso haver uma transcendência da dualidade hierárquica para uma perspectiva de unidade interativa, e a Deusa poderia ser vista como essa força integrativa não-parcial, sendo corpo e mente, luz e escuridão, imanência e transcendência (Ruether, 2005).

Contudo, de acordo com a pesquisa de Ruether (2005), Christ mantém uma visão biologicista sobre gênero baseada na diferença sexual, e que a *Goddess Religion* celebraria exclusivamente o corpo feminino-fêmea, com suas fases e capacidade reprodutiva que teriam sido desvalorizadas pelo patriarcado. Apesar disso, Christ reconhece a igualdade intelectual e moral entre mulheres e homens e seu acesso a uma infinidade de sentimentos, aspectos que foram separados pela falsa visão de oposição perpetuada pelo patriarcado.

Tendo apresentado suas perspectivas e contraposto o pensamento de algumas das mais populares representantes da *Goddess Religion*, Ruther (2005) defende a construção de alternativas de regeneração dos sistemas de violência que ameaçam a humanidade e a Terra, embora sustente uma postura cética sobre a veracidade das narrativas matriarcais.

Ademais, a teóloga acredita que não seja possível imaginar como essas sociedades ancestrais de fato eram sem ouvir a voz dos povos ancestrais. Ela também acredita que algumas tensões que se desdobraram nas sociedades altamente hierárquicas já existiam neste momento e conecta essas tensões à acumulação de riquezas, mas isso é uma suposição baseada em evidências fragmentárias, ela diz. Para ela, as deusas das grandes culturas da Mesopotâmia, Palestina, Egito, e Grécia não parecem ser originárias de civilizações pré-patriarcais: ela acredita que as narrativas sobre os poderes das divindades estão ligadas à questões de classe, refletindo os interesses e validando os papéis da realeza.

Por fim, a autora defende que a falta de clareza sobre o passado promove uma reintepretação pelo movimento feminista da Deusa que não deveria ser calcada uma espiritualidade pré-fabricada (*ready-made)* e literal. Apesar disso, Ruether acredita que seja possível que sociedades ancestrais tivessem um caráter mais igualitário e com

estruturas hierárquicas menos rígidas, nas quais arranjos sociais diversos ligados ao gênero seriam possíveis.

A emergência do "Divine Feminine"

Nas décadas de 80 e 90, a *Goddess Religion* viveu um período de desaceleração, assim como outros movimentos espirituais do contexto da contracultura advinda dos EUA. Porém, nos últimos anos, tem-se observado um reavivamento da espiritualidade feminina aliado em grande medida à expansão das redes sociais. Atualmente, alguns preceitos fundamentais da *Goddess Religion* têm sido organizados e propagados sob a denominação de "*divine feminine*" em países de língua inglesa, e "Sagrado Feminino" no Brasil.

O *divine feminine*, assim como a *Goddess Religion*, se relaciona com uma profusão de termos contemporâneos que aparentam ser similares, mas que abarcam ideias bastante divergentes em alguns casos. Nesse cenário, a disputa por palavras relacionadas à definição de mulher faz parte do processo, logo "feminismo", "feminino", "feminilidade" passam a corresponder a posições discursivas específicas. Por exemplo, o "*divine feminine*" se desvincula dos termos "religião", "movimento" e "feminismo" dos anos 60. Segundo Ruether (2005, p.8), o termo "feminino" (diferente de "feminismo") sinaliza uma definição androcêntrica da imagem feminina, o que já demonstra algumas complexidades da atualização deste movimento no século XXI. Além disso, nas redes sociais, termos como "energia feminina" e "light/dark feminine" ganham relevância na atualidade ao se aproximarem de estereótipos tradicionais de gênero e se afastarem da espiritualidade feminina ligada à Deusa e ao matriarcado.

Corroborando com esta temática, o artigo de Van Berge (2023) intitulado "*The dark and divine feminine: Secular stereotypes and thealogical tropes on TikTok*" traz uma análise dos conteúdos correspondentes às hashtags *#divinefeminine*, *#femininee energy* e *#darkfeminine* disponíveis na rede social TikTok. Esta autora percebe a ascensão de renovadas formas de feminilidade que se manifestam no mundo digital, e identifica as feminilidades deificadas ("*deified*", originalmente) como uma dessas tendências.

Embora os termos analisados por Van Berge (2023) contenham diferenciações entre si, a autora propõe que tais movimentos promovam uma atualização de ideias estereotipadas sobre o feminino. Apesar de ser um tema que tangencia privilégios e marginalizações e dos conteúdos publicados se espalharem por um espectro discursivo que abarca tanto narrativas sobre autonomia e independência quanto sobre passividade e receptividade, a pesquisadora defende que tais tendências ideológicas conectadas a uma suposta energia feminina perpetuam a sustentação da organização social patriarcal através de um sistema binário de gênero, mesmo que de forma implícita. Nesse sentido, reforçam uma forma hegemônica de feminilidade, contribuindo assim para a regulação e a (re)construção de práticas sociais baseadas em premissas essencialistas sobre feminino/masculino.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 450-471

Nesse cenário, como forma de ampliar a compreensão e a problematização sobre o *divine feminine*, serão abordados três textos sobre o tema publicados online. O primeiro texto, denominado "*Unleashing Wild Women and the Sacred Feminine to Transform the World*", foi escrito por Jocelyn Mercado (2017) e publicado no site da "Pachamama Alliance", um projeto criado em 1995 por Bill Twist and Lynne Twist em parceria com o povo Achuar da Amazônia Equatoriana, que oferece cursos e treinamentos "para regenerar os ecossistemas do planeta, trazer justiça às comunidades e restaurar nossas relações como a Terra, uns com ou outros e com nós mesmos" (Pachamama, s.d.).

Alguns pontos relevantes sobre a espiritualidade feminina abordados por este texto dizem respeito à ideia de que a mulher é sagrada em muitas das tradições ancestrais, "das Américas do Norte e do Sul à Austrália" (Mercado, 2017). Também há a referência a um "sagrado feminino" e a um "sagrado masculino" combinados dentro de cada indivíduo, e a ideia de que há uma prevalência da "energia masculina" no mundo contemporâneo, gerando um desequilíbrio. Ao longo do texto, há uma citação da autora Paula Gunn Allen, poetisa e ativista norte-americana, que aponta o caráter ginocrático das comunidades nativas, sendo elas "nunca patriarcais", nas quais a relação entre humanos e natureza era valorizada e a centralidade do poder das mulheres não era questionada (Mercado, 2017).

O texto enfatiza também que a sociedade moderna se desconectou de seu caráter intuitivo por demandas ligadas a listas de afazeres, problemas financeiros e preocupações com a opinião alheia. Assim, a "mulher selvagem" seria capaz de se libertar dessas "distrações" através do acesso à voz interior que está ligada às culturas ancestrais e que a conduz à sabedoria e ao seu verdadeiro propósito no mundo. Segundo o artigo, a mulher selvagem hoje é aquela que protege sua família, comunidade, os demais seres e a natureza, e que tem coragem de desafiar as regras da sociedade. Como exemplo de mulheres que atingiram este objetivo, o artigo traz Julia Butterfly Hill (ativista e ambientalista norte-americana), Rosa Parks (ativista negra norte-americana), Margaret Fuller (jornalista norte-americana e defensora dos direitos da mulher) e Waangari Maathai (professora queniana e ativista ambiental).

O texto é finalizado com a convocação das mulheres para a transformação do mundo neste período, no qual movimentos sociais emergem durante um tempo de expansão da consciência humana. Observa-se uma mistura de narrativas que reafirmam a existência de um matriarcado universal, baseado na dualidade feminino-masculino, e ao mesmo a conexão com as necessidades sociais do presente, com a menção de ativistas ambientais e políticas, por exemplo.

O segundo texto foi publicado no site da marca "Tiny Rituals", uma loja *online* que vende "jóias espirituais inspiradas por um significado sagrado" (Tiny Rituals, s.d.). A marca oferece produtos diversos feitos de pedras e cristais e afirma que 10% do lucro é direcionado para a proteção de crianças necessitadas na Índia e outros 10% são direcionados para iniciativas de proteção ambiental.

Na aba "Blog", há um texto intitulado "*Divine Feminine: Meaning, Origins, and More*" escrito por Brett Larkin. Ele se inicia trazendo a premissa de que há um

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 450-471

desequilíbrio no mundo promovido pela energia masculina patriarcal e de que é preciso haver umaa reconexão com o *divine feminine* que foi reprimido e ofuscado através dos séculos. Há, a seguir, referências às deusas de diversas culturas e a proposição de que o mundo antigo era considerado matriarcal, onde mulheres eram líderes religiosas, a terra era vista como uma grande mãe e o poder das mulheres era ligado a ela.

O texto também descreve as qualidades do *divine feminine*: intuição, sensualidade, compaixão, criatividade, perdão. Já as orientações para despertar o *divine feminine* são: praticar o auto-amor, abraçar os sentimentos, relaxar e apenas ser, conectar-se com o seu corpo. Os temas relacionados a como conectar e integrar o *divine feminine* são: amor pela natureza, cuidados com a saúde, empoderamento direcionado para a justiça racial, acolher o *divine feminine* nas práticas espirituais e transformar o ambiente corporativo (frequentemente associado à dominância masculina).

Por fim, o artigo afirma que "(...) o *divine feminine* é mais sobre abraçar o equilíbrio em nossas vidas e dizer sim à energia yin. É sobre reconhecer nossas forças intuitivas, encontrar suavidade, despertar a criatividade e encorajar o amor, o autocuidado e a comunidade" (Larkin, s.d.). Observa-se que os termos utilizados se limitam a uma perspectiva tradicional sobre as mulheres, reforçando atributos como delicadeza e emotividade.

O terceiro artigo, intitulado *"The divine feminine: The return of new-age movements and the politics of women's spirituality"* (2023) foi escrito por Chloé Bruère Dawson e publicado no site Bowie Project, uma iniciativa de origem Suíça que apoia criadores, artistas e ativistas *queer* e feministas. Este artigo apresenta uma posição crítica a respeito do *divine feminine*, ressaltando sua conexão com o movimento da Nova Era e a *Goddess Religion*.

A autora inicia o texto abordando o ressurgimento desses movimentos e sua relação com as mídias sociais contemporâneas. Para ela, tem havido um enfoque superficial deste tema associado à promoção de práticas místicas, mas mais do que isso, os conteúdos que propagam a "ativação" do *divine feminine* evocam uma retórica conservadora.

Dawson (2023) afirma que não foi uma surpresa que a *Goddess Religion* tenha surgido durante a segunda onda feminista, já que os movimentos de libertação das mulheres estão ligados a novas formas de espiritualidade. Segundo ela, a *Goddess Religion* tem uma natureza difusa e nunca desapareceu totalmente, e ele tem sido reavivado na atualidade de uma forma ainda mais múltipla e diversificada do que antes.

Para a compreensão do *divine feminine*, Dawson relembra algumas críticas feitas à *Goddess Religion*: como o New Age, a Religião da Deusa se utiliza de elementos de diversas culturas, mas raramente as reconhece ou o faz corretamente. Isso quer dizer que práticas, crenças e rituais são retirados de seus contextos e os povos originários são ignorados - uma contradição dentro dos fundamentos feministas de luta contra as opressões. Outra crítica diz respeito às qualidades atribuídas à Deusa: acolhimento, cura, maternidade, fertilidade - características que partem de uma visão binária do mundo e estão ligadas a uma construção biologizada das mulheres. Na sequência, Dawson (2023) cogita que as espiritualidades contemporâneas estão centralizadas

no consumo, com a venda indiscriminada de produtos - uma "comoditização da espiritualidade".

Dawson conclui afirmando sua posição e preocupações acerca da forma como *divine feminine* se manifesta:

> (...) as espiritualidades feministas anseiam por um passado mítico, enquanto o presente precisa de ação. Elas reforçam o *status quo* em vez de lutar contra ele. Seu ressurgimento recente é, portanto, preocupante, em um momento em que os direitos das pessoas trans continuam sendo desafiados. Não se trata de rejeitar a espiritualidade como um todo, mas sim de questionar os princípios fundadores de alguns sistemas de crenças para praticar a espiritualidade de acordo com seus valores (Dawson, 2023).

Pode-se observar particularidades discursivas entre os três textos e sua inseparabilidade da fonte de publicação. O primeiro, sendo advindo de um projeto social-ambiental, reforça a conexão com a natureza e com os povos nativos, trazendo uma perspectiva de comunhão entre a sacralidade das mulheres e a retomada da "mulher selvagem". O segundo texto traz uma perspectiva fortemente individualista baseada na caracterização do *Divine Feminine* e na promoção de determinadas práticas para que as mulheres consigam realização pessoal. Em certa medida, os dois primeiros artigos apresentam um discurso similar a respeito do *divine feminine*, ressaltando separação binária entre energias feminina e masculina, sendo a última predominante no mundo atual e a conexão com a primeira uma indispensável fonte de equilíbrio. Neste contexto, pode-se perceber o funcionamento de uma narrativa que contraria o pressuposto marxista de que a transformação social se dá através do coletivo (Guimarães; Guerra, 2013), pois, para esse outro viés, advindo de ideais tanto da contracultura quanto do neoliberalismo, é explicitado que a transformação individual é a responsável pela transformação coletiva.

Já o terceiro texto retoma alguns contrapontos abordados em relação à *Goddess Religion* e insere questionamentos sobre o *Divine Feminine* ao levantar temáticas relevantes na atualidade, ressaltando o esvaziamento político do movimento e a visão biologizada e excludente no que concerne expressões dissidentes do feminino. Vale ressaltar que tais críticas não invalidam ou deslegitimam expressões da espiritualidade feminina, mas contribuem para que este assunto seja tratado com a devida complexidade e direcionado para um lugar de reintegração entre práticas espirituais neopagãs e justiça social.

Considerações finais

Por haver uma miríade de expressões difusas e complexas, explorar o tema da espiritualidade feminina apresenta um desafio para a pesquisa, pois é inviável

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 450-471

construir categorizações rígidas e postulados definitivos. Com esta ressalva, de modo geral, conclui-se que a *Goddess Religion* (e sua posterior transformação no *Divine Feminine*) remonta ao espírito da contracultura que se expandiu-se mundialmente a partir dos anos 60, um fenômeno múltiplo a partir do qual correntes filosóficas, artísticas e religiosas ofereceram elementos para a construção de uma espiritualidade feminina que continua em transformação (Faur, 2011). Nesse processo, as dinâmicas sociais atravessadas pelo sistema patriarcal-capitalista em alguma medida moldaram também as recentes manifestações da espiritualidade feminina, plantando sementes de contradição e incoerência de formas mais ou menos sutis.

Observou-se, assim, que a *Goddess Religion* pavimentou o caminho para o que nas próximas décadas seria o "*Divine Feminine*" - o qual se configura como um dos precursores da forma como o Sagrado Feminino se manifesta no Brasil. Ainda sobre o *Divine Feminine,* foi significativo investigar sua caracterização através de textos publicados em plataformas digitais diversas, as quais fazem parte do universo tecnológico que permeia uma grande parte das interações sociais na atualidade. Indo além, tais fontes textualizam elementos importantes para que se possa compreender de que forma está sendo concebida a relação entre aquilo que se estabelece enquanto feminino e enquanto espiritualidade, um campo onde diversas portas podem ser abertas para direções muitas vezes divergentes.

Nesse contexto, o movimento do Sagrado Feminino emerge no Brasil com uma manifestação recente ligada às repercussões do *Goddess feminism* e do *Divine feminine*. Contudo, observa-se que sua relação com os movimentos feministas e com a própria história do movimento tiveram múltiplos desdobramentos que resultaram em aproximações e distanciamentos. É importante ressaltar que, como qualquer fenômeno cultural, o Sagrado Feminino está sujeito à adaptações e incorporações particulares advindas do contexto brasileiro. Como pontuado por Oyewumi (2021), não se pode comparar culturas de forma simplista nem adotar um olhar generalista quando se tem em conta fenômenos tão cheios de nuances.

Contribuindo com essa perspectiva, a expansão do conhecimento acadêmico sobre a *Goddess Religion* e a elucidação de sua relação com o *Divine Feminine* podem oferecer subsídios para a ampliação de pontos de vista e para a realização de debates mais aprofundados sobre movimentos contemporâneos ligados a gênero e espiritualidade.

Referências

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova: revista de cultura e política,* p. 49-86, 2009.

AMAZON. *Site da Amazon*, s.d. Quando Deus era mulher. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Quando-Deus-mulher-Merlin-Stone/dp/8576575302. Acesso em 30 jan. 2025.

ARAÚJO, Jair Bueno de; MONASTÉRIOS, Sylvia. Educação, feminismo e contracultura: o pensamento de Betty Friedan. *Revista Saber Acadêmico*, 12 jun. 2011.

BARROS, Patrícia Marcondes de. A revolução sexual nos anos 70 e o pensamento contracultural de Rosie Marie Muraro. *Revista Nupem*, v. 9, n. 18, 2017, p. 98-108.

CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.18, n.1, 1997, p.5-22.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970). Tese (Doutorado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAWSON, Chloé Bruère. *Site Bowie Creators*, 13 de fev. 2023. The divine feminine: The return of new-age movements and the politics of women's spirituality. Disponível em: https://www.bowiecreators.com/article/the-divine-feminine-the-return-of-new-age-movements-and-the-politics-of-womens-spirituality. Acesso em 05 de fev. 25.

FAUR, Mirella. *Círculos sagrados para mulheres contemporâneas*: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro; GUERRA, Eliana Costa. Movimentos sociais e transformação societária: concepções teóricas presentes na tradição marxista. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 63–71, jan./jun. 2013.

JARDIM, Lauro. BBB faz crescer as vendas de "Mulheres que correm com os lobos". *Site O Globo*, 23 de fev. 2022. Disponível em: https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/bbb-faz-crescer-vendas-de-mulheres-que-correm-com-os-lobos.html. Acesso em 30 jan. 2025.

LARKIN, Brett. *Site Tiny Rituals*, s.d. Divine Feminine: Meaning, Origins, and More. Disponível em: https://tinyrituals.co/blogs/tiny-rituals/divine-feminine. Acesso em 05 de fev. 2025.

MARQUES, Dominique Vianna. Sagrado feminista?! conflitos e continuidades entre o Sagrado Feminino e os Feminismos. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2023.

MATOS, Olgária Chain Feres. *A Escola de Frankfurt*: luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.

MERCADO, Jocelyn. *Site The Pachamama Alliance*, 2017. Unleashing Wild Women and the Sacred Feminine to Transform the World. Disponível e https://blog.pachamama.org/releasing-wild-women-and-the-sacred-feminine-to-transform-the world?utm_term=&utm_campaign=Dynamic+Campaign&utm_source=adwords&utm_medium=ppc&hsa_tgt=dsa- Acesso em 05 de fev. 2025.

MILANI, Vanessa Pironato. Paz, amor e... feminismo: a luta das mulheres na contracultura norte-americana. In. XXI Encontro Regional de História: História, Democracia e Resistências. Montes Claros, 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *A invenção das mulheres*: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

PACHAMAMA, *Site The Pachamama Alliance*, s.d. Disponível em: https://pachamama.org/. Acesso em 05 de fev. 2025.

PEREIRA, Carlos Alberto. *O que é contracultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

RUETHER, Rosemary. *Goddesses and the divine feminine*: A western religious history. University of California Press, 2005.

SAID, Edward W. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1990.

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: do patriarcado comunitário de baixa intensidade ao patriarcado colonial-moderno de alta intensidade. In: SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. p. 85-120.

SOUSA, Emília Maria de Meneses. O Sagrado Feminino e a Nova Era no Círculo de Mulheres Flor de Lótus em Teresina-Piauí. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Porto: Universidade do Porto, 2022.

STONE, Merlin. *Quando Deus era mulher*. São Paulo: Goya, 2022.

TINY RITUALS. *Site Tiny Rituals*, s.d. Disponível em https://tinyrituals.co/ Acesso em 06 de fev. 25.

VALLE, Thaís Chianca Bessa Ribeiro. Neopaganismo e Bruxaria Moderna: a preservação do meio ambiente através do culto à natureza. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, jul./dez., 2020, p. 68-81.

VAN BERGE, Laila. The dark and divine feminine: Secular stereotypes and thealogical tropes on TikTok. Tijdschrift voor Genderstudies, v. 26, n. 3/4, p. 293-312, 2023.

WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito”do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em 10/02/2025.
Aceito em 02/06/2025.